

Superar e r(existir): quebrando paradigmas

— BERNARDO ALMEIDA ROCHA —

intransitiva
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

Superar e r(existir): quebrando paradigmas

Bernardo Almeida Rocha _____

1.

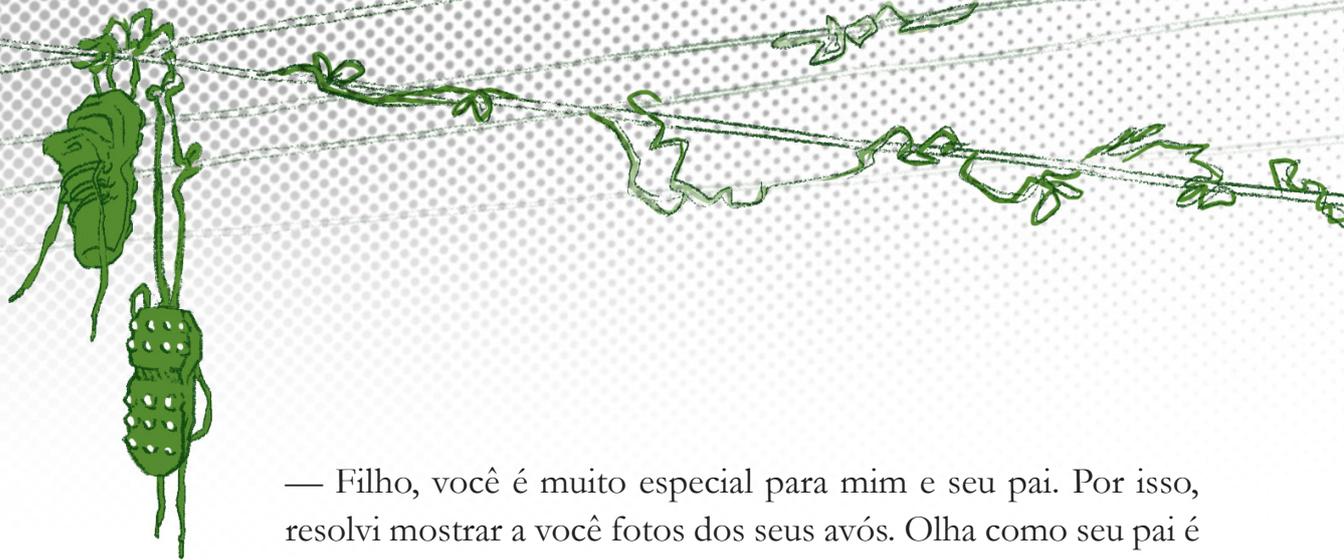
A cidadezinha brotava entre montanhas. Parecia fazer força para vingar, no meio do vale, no Nordeste mineiro. Ali vivia Pedro, um menino com marcas na alma. Quase todas provocadas por ser negro, pobre, ter cabelo crespo e levar uma vida simples. Filho único de uma empregada doméstica e de um pedreiro. Simples sim, mas *eita* que o menino tinha orgulho de seus pais, dona Maria das Dores e seu Sebastião.

Os pais de Pedro, afrodescendentes, não tiveram a oportunidade de estudar. Desde cedo os percalços da vida fizeram com que tivessem de trabalhar para ajudar nas contas de casa... daí vem a profissão que levam até hoje. Quando o filho do casal nasceu, ambos queriam que ele tivesse uma vida diferente. Assim eles o fizeram. Educando-o para se tornar uma pessoa boa, na intenção de que Pedro não fosse corrompido pelo que a vida ia lhe impor.

No entanto, um dos grandes desafios dos seus pais era mantê-lo na escola. O menino mostrava-se sem ânimo. Que lugar estranho era a escola! Ficava só na multidão. Os olhares na sua direção traziam juízos de valor. Quem queria ser amigo de pretinho pobre? Quem queria ter no grupo um mulatinho que não era bom nos estudos? Sua mãe ficava aflita com toda aquela situação. Percebia a angústia do filho.

Foi por isso que naquele dia, na hora do almoço, quando o sol parecia soltar bolas de fogo caídas do céu, ela recebeu seu filho que chegou da escola, na sala, sentada no sofá, segurando um álbum de fotos.

— Sente aqui do meu lado! Deu batidinhas com a mão no sofá, indicando que vinha uma conversa boa.



— Filho, você é muito especial para mim e seu pai. Por isso, resolvi mostrar a você fotos dos seus avós. Olha como seu pai é parecido com seu avô!!!

Naquele momento, começaram a prostrar e dona Maria das Dores, com voz cansada, porém doce, mostrava e contava toda a história registrada nas fotos. Passaram algumas horas nessa viagem. Por fim, se abraçaram... e olhando no fundo dos olhos dele, ela revela toda a finalidade daquela conversa:

— Saiba que essa cor aqui que você carrega marcada na sua pele é para você se orgulhar! Ela representa a força, a luta dos mais antigos!

2.

As falas doces da mãe foram um afago no coração e na alma. Além dela, o companheirismo da professora Bruna foi o amparo necessário para seguir na escola. Ainda é bem forte na memória o dia em que Bruna se aproximou dele. Era a manhã de uma terça-feira, o tempo estava ensolarado, no pátio da escola, quatro meninos, mestiços, colegas de Pedro, passaram por ele e começaram a cochichar uns com os outros. Ele lá quieto, no canto, sozinho, comendo o lanche que sua mãe havia preparado com todo amor, uma de suas professoras, de pele negra, cabelo afro, voz calma, parou perto dele, sentou-se e perguntou:

— Bom dia! Tudo bem com você? Os meninos estão te incomodando?

Cabisbaixo, disse com uma voz trêmula, meio engasgado do lanche que comia:

— Bom dia! Estou bem sim, tia! (era assim que chamava a professora). Eles não estão fazendo nada não... Percebia, mas não sabia o que fazer com a rejeição. Melhor deixar quieto, que mexer em vespeiro.

Bruna saiu e o deixou lá, terminando de comer. Notara que ela, desde então, andava pensativa, mas não imaginava que aqueles pensamentos iam atrás de formas de ajudá-lo. Só entendeu isso muito tempo depois. Na época, ganhara uma espécie de amiga mais velha que começou a emprestar-lhe livros que falavam sobre a cultura afro-brasileira. Foi nesse período que passou a se ver naquelas histórias e se identificar com os personagens. Com o passar do tempo, desenvolveu uma grande paixão pela literatura. Ficava cada dia mais fascinado pelos livros que falavam sobre questões sociais e culturais; ler sobre esses assuntos fez com que a dor dele e, principalmente, o anseio por respeito, brotasse e viesse crescendo mais e mais. Ele começava a se impor em determinadas ocasiões dentro de sala de aula e até mesmo na rua. E ela não largava a sua mão.

Seu Sebastião e dona Maria viam como o filho deles estava começando a mudar e se orgulhavam cada dia mais do homem que ele estava se tornando.

3.

Anos se passaram..., no final do ensino médio, já empoderado, inspirado naquela professora lá do ensino fundamental, pensava em cursar o ensino superior. Esse se tornou o grande sonho de sua vida e a sua grande missão: ajudar pessoas negras e marginalizadas socialmente como ele.

Então, se esforçou como nunca para conseguir a aprovação no vestibular. Passava horas estudando, finais de semana, feriados... *nur! eita* que o menino estudava! Até que a aprovação veio. Mas havia um gosto amargo nisso. Mesmo com a grande aprovação na universidade, que foi uma conquista esplêndida, ele precisava de dinheiro, para se manter na nova cidade.

Andando ao lado de sua mãe, vindo do supermercado, de repente, se deparou com aquela professora que o ajudou. Ela grita, acenando e indo ao seu encontro para parabenizá-lo pela aprovação no vestibular, que ficara sabendo pelos falares da comunidade em que morava. Eles se abraçam como velhos amigos. Ela percebe a inquietação nos olhos dele.

— Não me parece feliz!

— Como vou me mudar para outro lugar sem que minha família passe por necessidades?

Eles se entreolharam e, juntos, perceberam que a luta não acabara.

Despediram-se. Bruna já saiu dali mandando mensagem para todo mundo que conhecia, na intenção de mobilizá-los e encontrar uma forma de arrecadar dinheiro o suficiente para Pedro se manter por pelo menos um ano, sem grandes dificuldades, até se estabilizar na nova cidade. Porém, eles tinham apenas dois meses para conseguir lidar com essa empreitada...

No dia seguinte, pela manhã, Bruna tem novidades.

— Ôôô de casaaa. Gritou no portão, batendo palmas.

— Ó professora, pode entrar. Disse ele todo animado com a esperança de ter uma boa notícia.

— Pedro, tenho uma novidade para vocês. Conversei com uma colega ontem e tivemos uma ideia. Chame a sua mãe e o seu pai para eu contar para eles.

Pedro se apressou para chamar seus pais e assim que chegaram Bruna contou toda a ideia de fazer uma rifa.

— Professora, também posso fazer bolos de pote para vender. Pedro pode ajudar com as vendas. – Disse dona Maria das Dores, com um tom mesclado de humildade e amor.

— Sim, dona Maria, uma excelente ideia, quanto mais rápido conseguirmos arrecadar o dinheiro, melhor será.

Depois de conversarem, estava traçada a empreitada; vender as rifas e os potinhos de bolo...

Dona Maria das Dores abraçou Bruna chorando de emoção e agradeceu imensamente pela ajuda que ofereceu a seu filho durante todos aqueles anos.

Começaram as vendas. Todas as pessoas da escola onde ele estudava e a comunidade como um todo se voluntariaram para ajudá-lo, comprando as rifas, divulgando e consumindo os potinhos de bolo. É impressionante como a solidariedade vem de quem já tem pouco! E os dois meses voaram nessa lida que de tão intensa e solidária, gerou a renda desejada. Pedro con-

quistou grana suficiente para quase um ano, sem passar por preocupações na cidade em que iria morar...

Mais tarde, deitado, olhando para o teto da sua casa, com o fone no ouvido, cantarolava “Mãe”, do Emicida e, na sua memória, se passava tudo aquilo que tinha vivido, desde a ajuda da professora Bruna, a conversa com sua mãe dando-lhe todo o apoio para realizar seus sonhos. As lágrimas desciam nos seus olhos...

*“[...] Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy [...]
Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção
Uma vida de mal me quer, não vi fé
Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher*

*[...] Nossas mãos ainda encaixam certo
Peço um anjo que me acompanhe
Em tudo eu via a voz de minha mãe
Em tudo eu via nós
A sós nesse mundo incerto
Peço um anjo que me acompanhe
Em tudo eu via a voz de minha mãe
Em tudo eu via nós”*

4.

Logo após essa conquista, ele foi se preparando para ir morar na cidade onde começaria sua nova vida, seus estudos... Chegou o dia da partida. Na rodoviária, despediu-se de seu pai e de Bruna, enquanto sua mãe, derramando lágrimas, abraçou-o fortemente e, sussurrando no seu ouvido, dizia que o amava muito.

Chegando à cidade, foi para a república e lá conheceu seus novos colegas de casa. Eram mais 3 rapazes, também negros, que iriam estudar na mesma universidade. Enturmou-se bem com os demais. Estava muito ansioso para que o dia passasse. No dia seguinte, já seria o primeiro dia de aula...

Trim... Trim... Toca o despertador às 6 horas da manhã. Pedro levantou todo animado para se arrumar. Toma café. Se dirigiu ao ponto de ônibus.

Era uma aflição, parecia que o ônibus não chegaria nunca. Dava 6h30 e nada, 6h40... até que passa um pessoa na rua e diz:

— Ei! O ônibus dessa linha não passa mais aí. É lá outro lado.

Pedro pegou um carreirão, pois tinha que chegar na universidade às 7h para sua primeira aula. Enfim, conseguiu pegar o transporte. Chegou atrasado. Entrou na sala onde aconteceria sua primeira aula. Logo percebeu que era o único negro retinto naquele ambiente. Naquele momento, como se fosse um filme, passaram-se na sua memória alguns dos conflitos vividos na infância. Começava agora o momento de adaptação e a quebra de paradigmas. Mas ele ansiava por aquele momento e não se deixaria abalar por isso.

Naquele primeiro instante, não imaginava o que as pessoas achavam dele, mas de uma coisa ele sabia: seria um exemplo para aqueles que conviviam com ele, não se calaria como antes. Era o momento de tentar inserir mais pessoas negras naquele ambiente, discutir sobre a cultura afro-brasileira, porém sabia que não seria nada fácil.

Andando pelos corredores, viu, em um mural, um cartaz que divulgava a oportunidade para calouros construírem um *workshop* sobre questões sociais e culturais. Logo percebeu que era uma excelente oportunidade para abrir essa discussão interna sobre questões raciais e empoderamento. Fez a sua inscrição e começou a montar o seu trabalho que seria apresentado em uma semana.

Chegou o momento da apresentação. Ah, quanta emoção ele sentia, tantas horas de dedicação para aquele trabalho, tanta experiência pessoal vivida para contar e servir como inspiração para mais pessoas...

Ele subiu no palco, olhou para aquela multidão, respirou fundo e logo imaginou sua mãe e seu pai, grandes inspirações da sua vida. Começou, então, a palestrar, a argumentar, a se emocionar.

No fim da sua apresentação, mostrou no telão o seguinte refrão da música “Da Lama/Afrontamento”, de Tássia Reis:

*“Quer saber
O que incomoda, sincero
É ver que pra nós a chance nunca sai do zero
Que, se eu me destacar, é pura sorte, Jão
Se eu fugir da pobreza não escapo da depressão, não
Num quadro triste, realista [...]
As oportunidades são racistas
São dois pontos a menos pra mim
É difícil jogar
Quando as regras servem para decretar o meu fim
Arrastam minha cara no asfalto
Abusam, humilham
Tiram a gente de louco
Me matam todo dia mais um pouco.”*

Todos se levantaram e aplaudiram calorosamente a apresentação. Nesse momento, uma certeza brotou no peito. Sua missão começara. O que seria da sua vida dali em diante? Era possível despertar nas pessoas a percepção do racismo e do engajamento contra o preconceito racial?!?

Sobre o autor

Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Campus Almenara. Bolsista de Iniciação Científica Júnior do CNPq (2021-2022). Atua como membro do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão Afro-brasileiros Indígenas – NEABI do (IFNMG) – Campus Almenara e do Observatório das Desigualdades e discriminações étnico raciais (Unimontes/CNPq).